

Estudos

Interdisciplinares sobre  
Gênero e Feminismo

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)



**Atena**  
Editora

Ano 2019

Estudos

Interdisciplinares sobre  
Gênero e Feminismo

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)



**Atena**  
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Lorena Prestes  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
E82	<p>Estudos interdisciplinares sobre gênero e feminismo 1 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Estudos Interdisciplinares sobre Gênero e Feminismo; v. 1)</p> <p>Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-789-5 DOI 10.22533/at.ed.895191911</p> <p>1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 306.7</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Feminista... é fazer aquilo que diziam que eu não podia fazer; aquilo que diziam que só o homem pode fazer, eu como mulher também posso fazer. Feminista, acima de tudo é quebrar barreira, é mostrar que a gente pode fazer o trabalho independente do homem, não necessariamente que tenha um do lado. (Ajurimar Bentes – integrante do Grupo de Mulheres Guerreiras Sem Teto, do Movimento dos Sem Teto de Salvador, 2010)

A interdisciplinaridade é uma alternativa em relação ao conhecimento compartimentado em disciplinas e ao discurso de autores contemporâneos que, se por um lado têm representado avanços em algumas discussões específicas, por outro, fica a dever na abordagem científica e na problematização de temas que devem ser considerados em sua complexidade e que ultrapassam o âmbito teórico e metodológico de uma única disciplina. A reflexão interdisciplinar, métodos de uma área para outra, o que possibilita a geração de novos conhecimentos e profissionais com fundamentação sólida e integradora.

A construção das identidades culturais e de gênero na sociedade contemporânea, cujas transformações especialmente a chamada globalização, “acirrada” desde a década de 70 são objeto de reflexão da teoria social. A partir da compressão do tempo-espço, da globalização da economia e da informação, a construção das identidades ganha novos contornos e necessita ser discutida. As travestis, transformistas, drag-queens e transexuais os transgêneros refletem as constituições de identidade e de gênero.

A sociedade contemporânea tem sido objeto de várias discussões na teoria social, particularmente suas transformações a partir da década de 70. Nessas discussões são várias as denominações para este processo, como pós-modernidade, modernidade tardia, modernidade reflexiva. Esses rótulos, entretanto, não são o que mais importa, mas sim as modificações intensas e contundentes na contemporaneidade e, acredito, vale a pena refletir sobre alguns aspectos dessa mudança.

Antes de tratar especificamente da questão da identidade na sociedade contemporânea, parece-me importante inserir na discussão alguns autores que refletem sobre o próprio cenário contemporâneo embutindo nessa discussão, de forma mais ou menos explícita, a questão das identidades. Como se dá a construção e reconstrução das identidades em um cenário fragmentado, permeado estética e informacionalmente pela mídia, por imagens sobrepostas, por informações sobrepostas, redes, fluxos, riscos e incertezas.

Hall afirma ainda que um aspecto importante relacionado à questão da identidade estaria ligado às transformações na alta modernidade, especialmente a globalização. As mudanças de tempo e espaço, as fragmentações dentro da própria modernidade e a ruptura com antigas tradições, a diferença como característica fundamental, enfim,

processos de descontinuidade, fragmentação, ruptura, deslocação, características da alta modernidade, contribuiriam sobremaneira para a transformação das identidades, que se tornariam fragmentadas e plurais. “Quanto mais a vida social torna-se mediada pelo marketing global de estilos, lugares e imagens, pelos trânsitos internacionais, por imagens de mídia e sistemas de comunicações em redes globais, mais as identidades tornam-se destacáveis - desconectadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicas, parecendo estar ‘à deriva’. Somos confrontados por uma série de diferentes identidades, cada uma delas nos atraindo, ou antes atraindo diferentes partes de nós, a partir das quais parece possível fazer escolhas.” (Hall, 1995: 57). Não é possível, então, pensar as identidades de forma deslocada do contexto, da experiência concreta. Na sociedade contemporânea parece ser difícil pensar no desejo de uma “unidade”. A globalização, assim, antes de estar vinculada a uma totalidade transcendente, permitiria uma proliferação de fragmentos. Ou seja, o local como parte integrante do mundo. Paisagens reais e virtuais que, de algum modo, se oferecem ao olhar de maneira parcial, mas ao mesmo tempo, como parte de um todo.

Na construção de uma perspectiva interdisciplinar, tão necessária para se dar conta dos processos multidimensionais, usar o conceito de gênero, a reprodução das ideologias e relações de gênero a partir das seguintes dimensões a) a dimensão simbólica, referente aos modelos e tipos ideais sobre masculino e feminino; b) a dimensão normativa, que diz respeito a tradução desse mundo simbólico em normas e valores c) a dimensão institucional, pertinente as instituições sociais – tais como, família, escola, estado, igreja, mídia, mercado, dentre outras – responsáveis pela disseminação dessas normas e valores; e d) a dimensão subjetiva, que diz respeito ao processo de interiorização desses valores e comportamentos correspondentes. Outro marco fundamental é *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949. A sentença mais utilizada é a notória “Não se nasce mulher, torna-se”.

Não basta a simples “transmissão de conhecimentos” teóricos provenientes dos estudos interdisciplinares de gênero e sexualidade na superação de preconceitos e discriminações na escola. É necessário ir além, abrir espaços no interior das instituições escolares para se problematizar os sentimentos, as resistências e os preconceitos que cercam esta temática.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
“E EU NÃO SOU UMA MULHER?”: FRAGMENTOS DE UM DISCURSO FEMINISTA ANTIMANICOMIAL OU SOBRE A NECESSÁRIA GARANTIA DE LUGAR DE FALA E ESCUTA À MULHER LOUCA	
Priscila Coimbra Rocha Clarice Moreira Portugal Caliandra Machado Pinheiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919111</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
A FORÇA DAS CONSTRUÇÕES SOCIAIS NA VIVÊNCIA DO MÉTODO CANGURU	
Joise Magarão Queiroz Silva Mariza Silva Almeida Edméia de Almeida Cardoso Coellho Talita Batista Lefundes Kelly Cruz Pimentel Sampaio Liliane de Souza Cruz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919112</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
A PARTICIPAÇÃO FEMININA NAS FORÇAS MILITARES ESTADUAIS: UM OLHAR SOBRE O PERCENTUAL PARA INGRESSO DE MULHERES NAS POLÍCIAS MILITARES À LUZ DO DIREITO FUNDAMENTAL DA IGUALDADE	
Isabel Gomes de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919113</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>35</b>
A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DAS MULHERES NA AGROECOLOGIA EM ALAGOAS	
Samara Farias dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919114</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA VÍTIMA DE VIOLÊNCIA NO <i>ESTADÃO</i> : O CASO DE AMANDA BUENO	
Luíza Buzzacaro Barcellos Janie Kiszewski Pacheco	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919115</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>58</b>
ASSISTÊNCIA DA ENFERMAGEM OBSTÉTRICA E SEU VALOR NO RESGATE DA AUTONOMIA E EMPODERAMENTO	
Joise Magarão Queiroz Silva Talita Batista Lefundes Kelly Cruz Pimentel Sampaio Írbia Fernandes de Medeiros Letícia da Silva Cabral Cleuma Sueli Santos Suto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919116</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>65</b>
AS MEDIDAS PROTETIVAS MAIS APLICADAS EM CASOS ENVOLVENDO A LEI MARIA DA PENHA EM ORLEANS-SC	
Alessandra Knoll Felipe Basso Silva Gabriel Bittencourt de Aguiar	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919117</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>78</b>
DE LEGGINGS À LUTA: A CONSTITUIÇÃO DO COLETIVO FEMINISTA MARIA BADERNA NO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA – IFBA	
Taise de Jesus Chates Mirela Santiago Santos Rafael Bomfim Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919118</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>87</b>
AS MULHERES DE CLARICE: UMA ANÁLISE FEMINISTA DOS CONTOS “A FUGA” E “RUÍDO DE PASSOS”	
Thainá Oliveira Chemelo Anna Marcella Mendes Garcia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919119</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>100</b>
DIVERSIDADE DE GÊNERO E POLÍTICAS AFIRMATIVAS	
Jorge Adrihan do Nascimento de Moraes Valdenora Souza Mota Dayane Rainha da Silva Maria Madalena Pontes Melo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919110</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>111</b>
PRINCESAS NA <i>TIMELINE</i> : A REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO DAS PRINCESAS DISNEY NA INTERNET	
Ana Carolina Rocha Lisita Patrícia Quitero Rosenzweig Rosa Maria Berardo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919111</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>124</b>
DIÁLOGOS CONJUGAIS DESENCONTRADOS EM <i>O SILÊNCIO</i> (1981), DA PORTUGUESA TEOLINDA GERSÃO (1940)	
Denise Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919112</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>136</b>
ERVAS MEDICINAIS: SABER E PRÁTICA NO FAZER FEMININO	
Daniela Bento Alexandre	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919113</b>	

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>146</b>
EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS NÃO ESCOLARES: UMA ANÁLISE A PARTIR DA CONCEPÇÃO DAS MULHERES DEPENDENTES QUÍMICAS	
Ana Tereza Bernardo Ribeiro de Jesus Suzana Alves Nogueira Larissa da Conceição Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89519191114</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>150</b>
A INSERÇÃO DAS MULHERES NO DESENVOLVIMENTO REGIONAL NORDESTINO ATRAVÉS DE DINÂMICAS ECONÔMICAS COLABORATIVAS	
Sunamita Iris Rodrigues Borges da Costa Assíria Marielle da Silva Dantas Azilis Camille Pierrel Laísa Maria da Silva Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89519191115</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>163</b>
LAERTE-SE: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE ALÉM DO GÊNERO	
Juliana Maria Duarte Marques	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89519191116</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>175</b>
EXPRESSÕES ATIVISTAS DO POLIAMOR E DESBANQUE DE PRIVILÉGIOS MASCULINOS: ENFRENTAMENTO PELA PSICOLOGIA POSITIVA E RECURSO TÉCNICO DA RESILIÊNCIA	
Maria Juivalda Barbosa Izaura Maria Carvalho da Graça Furtado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89519191117</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>186</b>
MULHER PRETA E A INTELLECTUALIDADE “ A SÍNDROME DA NEGA METIDA”	
Thalita Santos Reis Luduvico	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89519191118</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>195</b>
MOVIMENTO CAPOEIRA MULHER – MANDINGAS, MALÍCIAS, SABERES ANCESTRAIS E FEMINISMO NA RODA	
Maria Zeneide Gomes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89519191119</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>209</b>
MULHERES AMAZÔNIDAS E SUA RELAÇÃO COM EMPRESAS DE BIOCOSMÉTICOS: ENTRE NOVAS RURALIDADES E VELHAS CONCEPÇÕES DE GÊNERO	
Ruth Helena Cristo Almeida Carolina da Silva Gonçalves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89519191120</b>	

<b>CAPÍTULO 21 .....</b>	<b>217</b>
O DESAFIO DAS PESCADORAS DE AÇUDE DO TERRITÓRIO DOS INHAMUNS CRATEÚS. IDENTIDADE, TRABALHO E RECONHECIMENTO	
Viviana Pittalis Anita Dias	
DOI 10.22533/at.ed.89519191121	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA .....</b>	<b>227</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>228</b>

## LAERTE-SE: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE ALÉM DO GÊNERO

**Juliana Maria Duarte Marques**

Universidade do Estado do Amazonas – UEA  
Manaus – Amazonas

**RESUMO:** Em uma sociedade marcada por dicotomias de certo ou errado, céu ou inferno, direita ou esquerda, homem ou mulher, é apresentado o documentário “Laerte-se” (2017), cujo enredo conta um pouco da vivência da mulher trans Laerte Coutinho. O estudo procurou entender as questões de identidade de gênero sob a perspectiva da referida personagem, trazendo como contribuição a reflexão em torno da identidade como uma questão cultural. Neste diapasão, como objetivo geral: compreender a aplicação das questões de gênero sob a luz da vivência e local de fala da personagem no documentário. Como objetivos específicos: identificar a origem histórica do gênero como identidade; compreender a transexualidade a partir do depoimento da personagem na construção de sua identidade. Após análise, percebe-se que o reconhecimento da identidade de gênero de Laerte como mulher trans vai além dos aspectos materiais e gramaticais que a sociedade estabelece ao gênero feminino, contribuindo no âmbito dos estudos sobre a sexualidade a perspectiva da identidade de gênero como uma construção muito mais complexa do que reduzi-la apenas aos atributos

biológicos, reforçando o respeito ao devido local de fala da personagem de modo a valorizar as lutas dos movimentos sociais LGBTQI+ pelo respeito e tolerância no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade, Gênero, Transexualidade.

### “LAERTE-SE”: CONSTRUCTION OF AN IDENTITY BEYOND GENDER

**ABSTRACT:** Amidst a society marked by dichotomies of right or wrong, heaven or hell, right or left, man or woman, the documentary “Laerte-se” (2017) presents the experience of the trans woman Laerte Coutinho. The study tried to understand the issues of gender identity from the perspective of that character, giving us insights about identity as a cultural issue. In this scenario, as a general objective: to understand the application of gender issues from the perspective of the character’s experience and speech. As specific objectives: identify the historical origin of gender as identity; understand transsexuality from the testimony of the character in the construction of her own identity. Upon analysis, the recognition of Laerte’s gender identity as a trans woman goes beyond the material and lexical aspects that society determines for the female gender, providing sexuality studies with the perception

of gender as a much more complex cultural construction than simply reducing it to mere biological attributes, thus promoting respect for the character's proper place of speech and strengthening the LGBTQI+'s social movements for respect and tolerance in Brazil.

**KEYWORDS:** Identity, Gender, Transsexuality.

## 1 | INTRODUÇÃO

Os debates acerca das formas de orientações sexuais, sexualidade e identidade de gênero tem-se intensificado cada vez mais nos últimos anos, resultado das discussões sobre a diversidade como reflexo da sociedade de direitos, que traz à tona diversos movimentos sociais de grupos minoritários, até então desrespeitados e excluídos das políticas públicas, com alto índice de discriminação e violência, destacando-se entre eles a LGBTQI+.

Por conseguinte, como atividade desenvolvida e apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Sexualidade, Gênero e Direitos Humanos da Universidade do Estado do Amazonas – UEA para obtenção de nota na disciplina Orientação Sexual, Identidades Sexuais e Identidade de Gênero, ministrado pelo Professor Doutor André Luiz Machado das Neves em julho de 2018, que resultou no presente estudo. Assim, a partir das discussões propostas em sala de aula pelo Professor, verificou-se que a produção de conteúdos visuais sérios, seja por meio da rede de televisão ou pela internet, sobre o tema acarretaram maior visibilidade daqueles que representam os movimentos sociais, tendo em vista o alcance das informações em qualquer lugar e a qualquer tempo, permitindo o fomento de discussões e o desenvolvimento na busca do respeito as diversidades nos mais variados setores da sociedade.

Nesse contexto, em 2017, a empresa TrueLab em parceria com a Netflix produziu o primeiro documentário brasileiro no seu catálogo de serviços de *streaming* chamado LAERTE-SE, com a direção de Lygia Barbosa e Eliane Brum, que também contribuíram com o roteiro em conjunto com Raphael Scire e Nani Garcia, esta última responsável pela edição do longa, e conta o cotidiano da cartunista e chargista brasileira Laerte Coutinho, que assumiu a identidade de mulher trans aos 58 (cinquenta e oito) anos de idade.

Através do documentário, é permitido observar que o reconhecimento da identidade trans mostra-se uma tarefa a ser construída diariamente pela cartunista. Partindo deste princípio, foi estabelecido como objeto do presente estudo a análise e compreensão da aplicação das questões de gênero sob a luz da vivência e local de fala da personagem Laerte. Ao passo que os objetivos específicos para consolidação do objetivo estabelecido corresponde: identificar a origem histórica do gênero como identidade e compreender a transexualidade a partir do depoimento da personagem na construção de sua identidade.

Como metodologia utilizou-se a pesquisa exploratória e bibliográfica, tendo

em vista que antes de adentrar ao tema, buscou-se a familiarização e em seguida o aprofundamento teórico em livros e pesquisas na internet. Em relação ao método, escolheu-se o dialético, cuja produção de conhecimento consiste no debate de contraposição de ideias no sentido de procurar refutar ou responder as indagações levantadas. (CORRÊA, 2018)

O presente artigo fundamenta-se nas ideias dos seguintes autores: Joan Wallach Scott (1995); Mario Carvalho e Sérgio Carrara (2013); Judith Butler (2014), João Paulo Zerbinati (2017); Maria Helena Diniz (2013); Jorge Leite Júnior (2008); Jaqueline Gomes de Jesus (2012); Maria Vital da Rocha e Itanieli Rotondo Sá (2013); Beatriz Pagliarini Bagagli (2017); Cristiane Gonçalves da Silva (2013).

Para finalizar, a temática foi dividida em duas partes, conforme os objetivos específicos. A primeira parte é “A origem do gênero como identidade” e a segunda parte “A transexualidade como identidade de gênero a partir do depoimento de Laerte na construção de sua identidade”, entendendo como a melhor abordagem para o presente estudo.

## **2 | A ORIGEM HISTÓRICA DO GÊNERO COMO IDENTIDADE**

Na tentativa de desconstruir conceitos contemporâneos que expressam intolerância e promovem a perpetuação da exclusão da comunidade LGBTQI+ nas políticas públicas, torna-se cada vez mais importante contextualizar o dinamismo e naturalidade como as relações de gênero foram tratadas ao longo da história e em que momento tornou-se um assunto polêmico.

Por esta razão, o presente tópico está dividido em duas partes. A primeira abordará os estudos de gênero em geral realizados por Joan Wallach Scott, voltado para as análises conceituais de gênero, ao passo que a segunda discorrerá acerca da história do gênero além do binarismo, dando ênfase à identidade trans, objeto do presente estudo.

### **2.1 A evolução dos estudos de gênero, segundo Joan Scott (1995)**

Joan Wallach Scott é uma historiadora feminista, nascida nos Estados Unidos, que teve grande contribuição nos estudos de gêneros quando, ainda na década de 1980, as discussões acerca do tema ainda eram voltadas no binômio sexo e gênero. Na sua obra “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, observa-se que a autora destacou três abordagens diferentes, conforme passaremos a seguir, que demonstram os estudos de gênero como parte essencial para entender as relações entre homens e mulheres, de forma a entendê-los não como uma categoria permanente, mas sim fluida.

A primeira abordagem trazida pela autora, de cunho feminista, questiona-se a origem do patriarcado como uma necessidade de dominação masculina em face das mulheres. Divide-se em duas linhas de estudo: primeiramente, de que o domínio dos

homens se justificava para fins de reprodução, tendo como expoentes Mary O'Brien e Sulamith Firestone; a segunda, defendida por Catherine MacKinnon, acreditava que a sexualidade era a resposta para entender o patriarcado, utilizando-se de referências análogas e comparativas ao marxismo. Scott (1995) aduz algumas problemáticas advindas desta primeira abordagem, nas quais podemos citar a prevalência de uma ordem na organização social, a ausência de comparação de desigualdades com outros elementos da sociedade e, por fim, baseia-se na diferença física do masculino e feminino, o que transforma em caráter universal e imutável as questões históricas de gênero.

Já a segunda abordagem, tem forte influência das feministas marxistas, propõe-se a estudar a partir da análise das relações de um sistema dual: capitalismo e patriarcado, pois entendia-se, segundo Scott (1995), que a “explicação das origens e das transformações dos sistemas de gênero encontra-se fora da divisão sexual do trabalho”, colocando a família e a sexualidade como “produtos cambiantes de produção”. Como expositores, temos Engels, Joan Kelly e Heidi Hartmann, o primeiro tornou-se autor do livro “A Origem da Família”, a segunda, apresentou o ensaio “*The Doubled Vision of Feminist Theory*”, e a terceira, economista, afirmava que o capitalismo e o patriarcado configuram-se como dois institutos autônomos, porém atuam de maneira mútua. Como problemática apontada pela autora nesta abordagem está no fato de que esta teoria trata os estudos de gênero como segundo plano, perdendo espaço para as relações econômicas.

Em seguida, a terceira abordagem, inspirada na psicanálise, divide-se em duas teorias para entender a identidade de gênero. A primeira fundamenta-se no pós-estruturalismo francês, utiliza as leituras pós-estruturalistas de Freud em conjunto com a teoria das linguagens de Jacques Lacan. Scott (1995) afirma que esta corrente enfatiza o papel da linguagem na comunicação, interpretação e expressão de gênero e defende o inconsciente como ponto crucial na construção do indivíduo. Como crítica, a autora entende que a teoria pós-estruturalismo francês fixa a posição binária masculino-feminino como aspecto permanente da condição humana. Ao passo que a segunda teoria, fundamenta-se na teoria anglo-americana de relação do objeto (*object-relation theories*), baseada na teoria da experiência concreta, entendendo o inconsciente como suscetível de compreensão do consciente. A autora aponta como problemáticas desta teoria, a análise limitada do conceito de gênero apenas no âmbito da família e experiências domésticas, não interagindo com outras relações como a economia, política ou qualquer outra relação de poder, bem como não se discute a existência da desigualdade.

Após síntese das abordagens levantadas, cumpre mencionar a definição de gênero da autora, Scott (1995), que consiste em duas partes correlacionadas: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Assim, as mudanças nas relações sociais interferem sempre nas

relações de poder, enquanto que o gênero como elemento constitutivo envolve-se de quatro maneiras: a) com as relações simbólicas que são tratados os gêneros; b) aplicação de normas de origem religiosa, científica, políticas ou jurídicas, entre outras que limitam a interpretação dos símbolos; c) no debate acerca da representação binária do gênero; d) identidade subjetiva.

Resta claro o inconformismo da autora quanto aos estudos que eram feitos considerando apenas o mulheres e homens de forma imutável e inflexível, havendo por parte desta a necessidade de encontrar um conceito de gênero que possa responder todas ou grande parte das perguntas em torno do tema. Assim, identifica-se que gênero consiste nas diferenças sexuais, sendo estas colocadas de formas hierarquizadas conforme são construídas e representadas na cultura de cada povo. No entanto, a autora não respondeu como são realizadas essas construções, cabendo buscar informações anteriores ao período entre os séculos XVIII e XX, tendo em vista a existência de registros sociológicos de civilizações que identificavam o gênero de forma dinâmica, ultrapassando a ideia binária das abordagens mencionadas, existentes desde a Idade Antiga até meados do século XVII.

## **2.2 A história do gênero além do binarismo masculino-feminino**

Após os conceitos sociológicos de gênero, é mister analisar a origem histórica da referida expressão a partir de uma seara que vai além do binarismo masculino e feminino, no intuito de demonstrar que a fluidez ou transitoriedade entre os gêneros não se trata de algo recente, havendo registros em civilizações desde a antiguidade.

Na Idade Antiga, podemos citar como exemplo, o mito de Tirésias, que conta a estória de um famoso adivinho, nascido em Tebas, que foi orar no monte Citorão, quando encontrou duas cobras copulando, quando os animais o atacaram e na intenção de se defender, matou a cobra fêmea, no que tal atitude ensejou em um castigo de Zeus que o obrigou a viver como uma mulher. Somente sete anos depois, quando se viu na mesma situação, decidiu matar a cobra macho e assim retornou ao seu antigo corpo masculino. Outro registro importante é a existência da divindade mitológica Príapo, caracterizado como andrógono e hermafrodita, filho de Afrodite e Dionísio, significava fertilidade, não só humana, mas agrícola. Resta citar também Platão, que em sua obra chamada “O Banquete” dividia a espécie humana em três tipos: os filhos do sol (macho), as filhas da terra (fêmeas) e os filhos da lua (andróginos, possuidores de ambos os sexos). (ZERBINATI, 2017)

Já no Império Romano, os historiadores relatam a existência de imperadores que se travestiam ou realizavam condutas consideradas típicas femininas na época, como também ordenavam que fossem feitas cirurgias de redesignação sexual em escravos. (ZERBINATI, 2017)

Outrossim, Diniz (2007) relata exemplos na história, o Rei Henrique III, da França, que em 1577, vestiu-se de roupas femininas chegando a comparecer diante de seus aliados políticos trajado dessa forma. François Timoléon, o Abade de Choisy,

passou parte de sua vida sendo educado como uma menina e tornou-se embaixador de Luiz XIV no Sião. Charles de Beaumont, ou Chevalier d'Eon, viveu 49 (quarenta e nove) anos como homem e 34 (trinta e quatro) como mulher, foi amante de Luis XV e disputava a rivalidade com Madame Pompadour.

Para concluir, Foucault (1988) conta que as práticas referentes à sexualidade não eram sigilosas, os discursos não eram tímidos, as artes se expressavam em corpos nus, no entanto, após o início da Idade Clássica, por influência do cristianismo, a moral passou a interferir no âmbito da sexualidade, estabelecendo normas e punindo qualquer um que tentasse se abster de cumpri-las. No entendimento do autor embora a sexualidade fosse vista como pecado durante o regime vitoriano, esta nunca deixou de ser falada. A liberação estaria condicionada à transgressão de regras, condenando o conformismo de Freud na função de normatização da psicanálise entre outros estudos assegurados pelo discurso científico a respeito do sexo e suas práticas, que perpetuavam a intolerância e a patologização dos indivíduos que estivesse em desacordo.

### **3 | A TRANSEXUALIDADE COMO IDENTIDADE DE GÊNERO A PARTIR DO DEPOIMENTO DE LAERTE NA CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE.**

Diante do exposto no tópico anterior, verifica-se que até o século XVII, as questões de gênero e sexualidade eram analisadas sob a luz da filosofia e das crenças religiosas, no que, a princípio, não eram priorizadas as questões anatômicas dos corpos nascidos com pênis e vagina, passando em seguida pela resignificação do termo gênero por influência do cristianismo, transformando em normas os papéis de cada sexo. Somente a partir do século XVIII, os estudos acerca do tema foram tomando diferentes abordagens, ainda que sob a influência da fé cristã, na qual se consagrou o pensamento científico, cuja ideia inicial direcionava-se na busca de diagnósticos a estes indivíduos.

É nesse contexto que "identidades serão construídas, ideias e comportamentos serão naturalizados e/ou patologizado, e a busca pelo "verdadeiro sexo terá um lugar de destaque na formação desta nova maneira de pensar, lidar, sentir, organizar, vivenciar, ou mesmo discutir o sexo. (Leite Junior, 2008, p.57)

Seguindo esta perspectiva, para entender a transexualidade como uma identidade de gênero proveniente da condição humana utilizaremos o local de fala da personagem Laerte, presente no documentário LAERTE-SE, já qualificado nas considerações iniciais do presente artigo, que em 2009 assumiu sua identidade trans, aos 58 (cinquenta e oito) anos de idade, considerando as falas da própria personagem no decorrer do longa.

Assim como na antiguidade, em que há relatos da existência de transitoriedade nas expressões de gênero, Laerte nos mostra justamente na sua vivência essa fluidez, indo além do binarismo cisgênero, homem e mulher, apresentando-se como mulher

trans. Nesse sentido, Butler (2014) é enfática ao afirmar que não se pode limitar os conceitos de gênero ao ser ou ter, uma vez que tal expressão é o instrumento pelo qual o masculino e o feminino se manifestam em conjunto com outros fatores, como por exemplo, hormônios, genética, físicos e demais expressões assumidas pelo gênero. No entanto, a autora complementa que não obstante se tome a referida definição como verdade, as normatizações de masculino e feminino são passíveis de desconstrução ou desnaturalização, tendo em vista que ao passo que estamos nos referindo à diversas formas de vivência como “confusão de gêneros, mistura de gêneros, transgêneros, cross-gêneros”, já entende-se como uma afirmação de que o gênero se move além do binarismo.

Apartir dessa crítica ao discurso biológico, que antes de falar da transexualidade sob a perspectiva de Laerte, faz-se necessária a menção da noção do termo defasado “transexualismo”, que nos remete a ideia de que a transexualidade se trata de uma patologia, disposto no Código Internacional de Doenças – CID 10, código F640. Assim, o transexual seria o indivíduo “acometido de doença, passível de sofrer intervenções cirúrgicas reparadoras, capazes de adequar seu corpo físico ao sexo que possui em sua representação mental”. (ROCHA & SÁ, 2013)

Cumprir mencionar também, que a princípio, o transexualismo se configurava-se como um “Distúrbio de Identidade de Gênero”, sendo substituído posteriormente por “Transtorno de Identidade de Gênero” e atualmente, no Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), denomina-se como “Disforia de Gênero”, que diferentemente das classificações anteriores, trata a transexualidade como um “estado psicológico de agudo sofrimento que necessita de intervenção, acima de tudo médica”. (ZERBINATI, 2017)

Considerando que a definição médica já está classificada e codificada, utilizaremos o questionamento feito a Laerte, constante no documentário, no que se refere à possibilidade de se identificar como mulher fora da questão do corpo.

De jeito nenhum pode deixar o corpo de lado. Mas também não pode se resumir ao corpo. **A questão do corpo é central, mas não pode ser tudo, senão a gente, uh, aceita a biologia como único norte, né?** Teu útero é teu destino, esse tipo de coisa. E não é assim. O corpo é uma parte de uma negociação complicada. (trecho retirado do documentário Laerte-se, 2017, grifos nossos)

Nesse contexto, apesar de entender a importância da questão biológica, que, segundo Laerte, não dá para desvencilhar, sua resposta vai na contramão ao posicionamento levantado pelo discurso médico quanto à necessidade de realização de procedimentos cirúrgicos para composição de sua identidade, entendendo que não se deve tê-la como algo predestinado e única opção ao indivíduo. O foco é tornar a questão de gênero sem se restringir ao discurso médico, que trata qualquer desvirtuamento como doença ou perversão sexual, mas sim tratar o assunto como uma questão de identidade. Jesus (2012) afirma que “ao contrário do que muitos pensam, o que determina a condição transexual é como as pessoas se identificam,

e não um procedimento cirúrgico”.

Então, o que é ser mulher? Em sintonia com a definição de Jesus (2012) citada no parágrafo anterior, Laerte emite a seguinte resposta:

**Eu tenho aprendido que é possível ser mulher com a minha genitália, sim. O que é se sentir mulher? É algo que eu me sinto. É algo que eu venho me sentindo cada vez mais.** Agora, é definitivo ou não? Quer dizer, você é mulher, pronto, acabou? Carimba. Não, por que esta questão está se tornando algo de menor importância. Acaba sendo assim: Para que eu preciso ser oficialmente mulher ou homem? Eu não estou construindo uma identidade feminina. Mas é que eu não preciso de identidade nenhuma. Pode ser que a identidade que eu já tenho funcione beleza. Sabe? (trecho retirado do documentário Laerte-se, 2017, grifos nossos)

Entretanto, embora a identificação como mulher trans de Laerte esteja além do binarismo, não quer dizer que esta não se veja diante de dilemas quando questionada acerca do seu corpo, que na época do documentário, não possuía tratamento hormonal, intervenção cirúrgica ou qualquer outra forma de ingerência que a aproxime da anatomia feminina.

O que quer dizer exatamente ter esse implante no meu corpo? Se eu estou convivendo com a ideia de que eu sou uma mulher, sem hormônios, sem quadril, e a ideia está factível pra mim, por que eu preciso de um peito, né? Então, está uma montanha-russa. Eu não sei, quando eu chego em casa e tiro o meu sutiã e o peito vai junto, eu fico pensando: “Poxa, eu gostaria que ele ficasse”, (trecho retirado do documentário Laerte-se, 2017)

Para Bagali (2017), o desconforto com o corpo que muitos transgêneros experimentam não corresponde como uma inconformidade com a cisgeneridade, bem como não entende que tal disforia é resultado de uma “suposta reprodução consentida de normas sociais”. A autora conclui que cada indivíduo trans procura a forma de aceitação do seu corpo, configurando-se muitas vezes como uma resistência ao que é imposto pela sociedade quando decidem permanecer com alguma característica que vai na contramão da identidade assumida.

Essa busca por aceitação, por mais que decorra da subjetividade de cada indivíduo, não podemos descartar a vivência de cada um na sociedade e tratando-se de transgêneros, não podemos ignorar o fato de que a violência e a intolerância a que estão vulneráveis são fatores determinantes em muitas escolhas tomadas por este grupo de indivíduos. Quando Laerte é indagada como se relaciona com o seu corpo, especificamente ao implante de seios, sua resposta ainda se mostra confusa em quatro verbos:

Nossa, está uma confusão cada vez pior. Em relação ao peito, eu estou me debatendo com quatro verbos. **O querer, o poder, o precisar e o dever.**

[...]

Eu sei que eu não preciso. **Eu não preciso, eu existo sem peito. Agora, eu quero. Mais recentemente, eu posso. Eu tenho meios para isso. Muito bem. E o devo? O devo é uma questão muito perturbadora porque diz respeito ao**

**olhar dos outros. Eu sempre ouço, quando penso nesse verbo, eu sempre ouço a filha da p\*\*\* da fascistoide lá, enfiando o dedo na minha cara e perguntando: «E o seu peito, quando você vai pôr?» Por que? Porque isso é um documento, né? E é mesmo. É mesmo.** (trecho retirado do documentário Laerte-se, 2017, grifos nossos)

Para Laerte, percebe-se o conflito que o verbo “dever” está pesando na sua decisão, é claro que ao mesmo tempo que ela tem um desejo de colocar uma prótese, ela também não quer que aquilo defina sua identidade para os outros, citando como exemplo, um caso de intolerância em que foi vítima. Silva (2016) coloca a identidade como algo histórico e cultural, vez que a sua expressão se dá pelos “atributos, comportamentos e papéis convencionalmente estabelecidos para machos e fêmeas”. No entanto, o conflito de Laerte em relação ao corpo ainda é reflexo de uma sociedade com heranças deixadas pelo cristianismo da Idade Média, que prioriza os atributos anatômicos femininos para estabelecer o que é ou não ser mulher, reduzindo ou ignorando qualquer outra concepção que não se enquadre dentro do que foi estabelecido.

Por esta razão, é o entendimento de Carvalho e Carrara (2013) de que o conceito biológico está enraizado e se mostra, inclusive, dentro dos próprios movimentos sociais, no discurso de transgêneros e travestis que passaram por qualquer procedimento cirúrgico que auxilie na reafirmação de sua identidade em face daqueles que ainda não tem em seus corpos quaisquer intervenção médica. Nesse sentido, Laerte condena a falta de empatia e respeito as diversas vivências e nega que tais indivíduos representem o grupo.

É estabelecer uma coisa assim: «Nós somos mulheres.». Por causa dessa visão de «nós somos mulheres» elas também se arrogam no direito de cobrar: «você é mulher?» Eu digo: sou. «Cadê o seu peito?». Você pode perguntar: «Cadê a sua b\*\*\*\*\*?». Porque boa parte ali fez a operação de redesignação e se considera mais graduada do que quem não fez. Você percebe? Há uma questão corporativa, uma questão de quesitos e requisitos a se cumprir. Há uma questão de carteirinha. É um horror isso, um horror! A atuação dessas pessoas é de uma truculência absolutamente masculina. Sabe, o modo como as pessoas se ofendem, como se impõem, como dão porrada e dizem que isso é assim, travesti é assim. Travesti não é assim. (trecho retirado do documentário Laerte-se, 2017)

Carvalho e Carrara (2013) explicam muito bem essas divergências ideológicas dentro do movimento LGBTQI+, especialmente no que diz respeito a briga pelo fortalecimento da identidade das travestis para não serem incluídas no “T” junto com os transgêneros. A partir do depoimento de Tathiane Araujo, entrevista em 19/11/2010, os autores observaram a existência de categorias dentro do movimento quando a mesma afirma “travesti operado, travesti”. Em harmonia com os autores, Laerte sugere a existência de um corporativismo dentro do movimento:

Por exemplo, a ideia de que há uma identidade travesti e transexual. Inegável, verificável com determinados sinais, que tem o poder de excluir quem não se enquadra. É o corporativismo trans, né? (trecho retirado do documentário Laerte-se, 2017)

Os autores mencionados concluem que o fulcro da independência identitária das travestis configura-se na busca de políticas públicas exclusivas a este público alvo por entenderem que possuem vivências distintas, isto é, enquanto as organizações de travestis aparecem diante de violência policial e AIDS, as organizações voltadas aos transgêneros buscam entender a transexualidade e acessos às inovações médicas de transformação do corpo.

Travesti e transgêneros são pessoas dignas de serem consideradas humanas. Elas não estão ali fazendo palhaçadas. Elas não estão se exibindo, elas estão usando a condição, a identidade feminina que corresponde ao desejo íntimo delas. (trecho retirado do documentário Laerte-se, 2017, grifos nossos)

A confiança que Laerte tem com o próprio corpo é construída diariamente, indo além dos conceitos de identidade de gênero reducionistas biológicos, apresentando o discurso abaixo:

Eu também chego numa outra possibilidade que é: não existem homens e mulheres. Então, em princípio somos seres humanos e a gente tem essas disposições. Essas disposições são também, são convenções, são possibilidades, são linguagens. Se estou cada vez mais compreendendo que a questão de gênero é pra ser tratada como uma construção cultural mesmo, que não é um... Que não foi criado por Deus, então eu posso rever tudo, né? (trecho retirado do documentário Laerte-se, 2017)

Por derradeiro, vislumbra-se que, para Laerte, a questão de gênero deve ser tratada considerando os aspectos culturais, entendendo que o modo como nos relacionamos enquanto indivíduos que vivem em sociedade são oriundos de convenções normatizadas por costumes, porém com a possibilidade de desconstruir e reconstruir nossos pensamentos para acompanhar a evolução da humanidade.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ante o exposto, não restam dúvidas quanto à existência de inúmeros debates acerca dos conceitos de gênero, atraindo estudiosos de diversas áreas do conhecimento ao longo da história para entender a complexidade do desenvolvimento humano diante da busca de uma identidade.

É mister destacar, que da mesma forma que os discursos estão evoluindo para um entendimento mais abrangente com reconhecimento de direitos individuais, contemplando diversos grupos ainda marginalizados, o índice de violência e intolerância em face da população LGBTQI+ também está crescendo. Uma das formas de evitar que o preço da visibilidade seja pago com o sangue de inocentes ainda é a busca pelo conhecimento, não só aquele presente nos livros e no meio científico e acadêmico, mas também de conhecer pessoas e suas vivências.

Nesse sentido, nada melhor do que conhecer alguém que está alcançando sua liberdade, que é o caso da Laerte. A cada dia, sente-se mais livre para ser quem acredita que é e não se fecha a novas possibilidades de mudanças, pois não

sabe o dia do amanhã. Caso se identifique ainda como mulher ou como homem futuramente, não cabe a sociedade determinar, somente a própria.

Laerte, como mulher trans, vai além dos aspectos materiais e gramaticais que a sociedade estabelece ao gênero feminino, é filha, amiga, pai e avô, deixando por meio do documentário “Laerte-se” sua perspectiva de vida, contribuindo, ainda que de forma involuntária, aos estudos sobre a sexualidade e reconhecimento de identidade de gênero como uma construção muito mais complexa e apaixonante, pois não se trata apenas de reduzir o indivíduo aos atributos biológicos de nascimento, mas de respeitar o devido local de fala e a subjetividade de cada, sem algemas sociais, de modo a valorizar as lutas por respeito e tolerância protagonizada pelos movimentos sociais, em especial o LGBTQI+.

Portanto, sabe-se que ainda há muito o que lutar contra esse sistema cis heteronormativo estruturado, cuja perpetuação só acarreta na marginalização e escassez de registros autobiográficos ou relatos de vivência de pessoas trans. Colocar-se como antagonista desse sistema é dar importância a trabalhos como o primeiro documentário brasileiro no catálogo de serviços de *streaming* da Netflix, “Laerte-se”, que nos possibilita ter um pouquinho da vivência desses sujeitos dentro das nossas casas e conseqüentemente, trabalhar na desconstrução e reconstrução de identidades e relações de gênero e sexualidade.

## REFERÊNCIAS

BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. **Orientação Sexual na Identidade de Gênero a partir da Crítica da Heterossexualidade e Cisgeneridade como normas**. Letras escreve, v.7, n.1, p.137-164, janeiro-julho, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/3073>>. Acesso em: 03/09/2018.

BUTLER, Judith. **Gender Regulations**. In: \_\_\_\_\_. Undoing Gender. Nova York: Routledge, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332014000100249](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332014000100249)>. Acesso em: 20/08/2018

CARVALHO, Mario; CARRARA, Sérgio. **Em direção a um futuro trans? Contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil**. Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-64872013000200015&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-64872013000200015&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 20/08/2018

CORRÊA, Luiz Nilton. **Metodologia Científica: Para trabalhos acadêmicos e artigos científicos** / Luiz Nilton Corrêa. Florianópolis: Do autor, 2018.

DINIZ, Maria Helena. **O estado atual do Biodireito** / Maria Helena Diniz. – 4. Ed. Revista e atualizada conforme a Lei n. 11.105/2005. – São Paulo: Sairava, 2013.

foucault, michel. História da Sexualidade I: A vontade de saber, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988. Tradução do original em francês: *Histoire de la sexualité I: la volonté de savoir*.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero : conceitos e termos** / Jaqueline Gomes de Jesus. – 2. Ed. revista e ampliada. Brasília, 2012. Disponível em <<https://>

pt.scribd.com/document/87846526/Orientacoes-sobre-Identidade-de-Genero-Conceitos-e-Termos>. Acesso em 02/09/2018.

LAERTE-SE (2017). Direção: Lygia Barbosa da Silva e Eliane Brum. Distribuição: Netflix. Disponível em: <<https://www.netflix.com/title/80142223>> Acesso: 20/08/2018.

LEITE JUNIOR, Jorge. —**Nossos corpos também mudam**”: **sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico**. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: 2008. Disponível em <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp074600.pdf>> Acesso em: 06/09/2018.

ROCHA, Maria Vital da. SÁ, Itanieli Rotondo. **Transexualidade e o Direito Fundamental à Identidade de Gênero**. In: RIDB, a. 2, n. 3, 2013, p. 2.337-2368. Disponível em <[https://www.cidp.pt/publicacoes/revistas/ridb/2013/03/2013\\_03\\_02337\\_02364.pdf](https://www.cidp.pt/publicacoes/revistas/ridb/2013/03/2013_03_02337_02364.pdf)>. Acesso em 07/09/2018.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99. Revisão de Tomaz Tadeu da Silva a partir do original inglês (SCOTT, J. W.. Gender and the Politics of History. New York: Columbia University Press, 1988. PP. 28-50.), de artigo originalmente publicado em: Educação & Realidade, vol. 15, nº 2, jul./dez. 1990. Tradução da versão francesa (Les Cahiers du Grif, nº 37/38. Paris: Editions Tierce, 1988.) por Guacira Lopes Louro. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>>. Acesso em: 20/08/2018.

SILVA, Cristiane Gonçalves da. **Unidade 1 – Sexualidade: Dimensão conceitual, diversidade e discriminação. Semana 3 – Orientação Sexual, Identidades Sexuais e Identidade de Gênero**. Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, 2013. Disponível em: <[http://www.comfor.unifesp.br/wp-content/docs/COMFOR/biblioteca\\_virtual/GDE/mod3/Semana3\\_Mod3\\_GDE.pdf](http://www.comfor.unifesp.br/wp-content/docs/COMFOR/biblioteca_virtual/GDE/mod3/Semana3_Mod3_GDE.pdf)> Acesso em: 20/08/2018.

ZERBINATI, João Paulo. **Desvelando a vivência transexual: gênero, criação e constituição de si mesmo** / João Paulo Zerbinati. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista – UNESP, São Paulo: 2017. Disponível em: <[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/152491/zerbinati\\_jp\\_me\\_arafcl.pdf?sequence=3](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/152491/zerbinati_jp_me_arafcl.pdf?sequence=3)> Acesso em: 03/09/2018

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO** - Doutoranda em Educação Escolar. Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo (IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: - Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), Membro da Equipe de Formação Continuada de Professores. Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, História da Educação Sexual, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do Grupo de pesquisa - GESTELD - Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Membro desde 2018 do Grupo de pesquisa “Núcleo de Estudos da Sexualidade - NUSEX”.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Açude 217, 221

Agroecologia 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45

Amanda Bueno 47, 48, 50, 52, 54, 55, 56

### C

Clarice Lispector 87, 88, 97, 98

Comunicação popular 136, 138

Contexto escolar 78, 82

Crítica literária feminista 87, 89, 98

Cuidado 11, 12, 14, 18, 19, 20, 24, 41, 50, 58, 60, 61, 62, 64, 82, 92, 131, 179, 217, 219

Cuidado de enfermagem 58

### D

Discursos 1, 2, 3, 4, 5, 7, 9, 16, 17, 50, 87, 103, 111, 113, 114, 117, 132, 133, 134, 168, 172, 183, 209, 227

Diversidade de gênero 100, 101, 102, 103, 105, 108

### E

Economia solidária 150, 152, 156, 157, 158, 160

Educação contra hegemônica 195

Empoderamento feminino 58, 61, 151, 160

Enfermagem 12, 15, 20, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 137

Enfermagem obstétrica 58, 60, 61, 62

Ervas medicinais 136, 138, 139, 143, 145

Estadão 47, 48, 49, 53, 54

Experiências educacionais 146, 147

### F

Feminismo negro 85, 186, 187, 188, 192, 194, 199, 207

### H

Humanização do parto 58, 59, 60, 61, 62, 63

### I

Identidade 6, 8, 12, 13, 17, 18, 19, 26, 32, 38, 43, 69, 78, 79, 91, 95, 96, 98, 103, 107, 109, 113, 117, 123, 126, 132, 139, 150, 157, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 208, 217, 218, 220, 221, 222, 225

Inclusão social 150, 158

Intelectualidade 186, 188, 192

Interseccionalidade 1, 3, 5, 6, 7, 10, 11, 78, 81, 85, 86, 91, 111, 112, 116, 117, 123

## J

Jornalismo 47, 49, 55, 56, 57

## L

Lei 19, 20, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 48, 51, 54, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 74, 75, 76, 77, 105, 106, 109, 147, 173, 187, 218, 223

Literatura portuguesa contemporânea 124, 129

## M

Medidas protetivas 65, 70, 71, 72, 75, 197

Método canguru 12, 14, 15, 16

Minorias 81, 100, 104, 105, 106, 107, 108

Movimentos sociais do campo 35, 40

Mulher 1, 2, 5, 6, 7, 8, 10, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 76, 79, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 103, 114, 117, 120, 123, 125, 127, 128, 129, 131, 132, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 158, 160, 161, 163, 164, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 176, 177, 181, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 213, 220, 221, 222, 223, 225

Mulher capoeirista 195, 201, 205

Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 66, 67, 72, 76, 79, 81, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 103, 105, 107, 113, 114, 116, 117, 119, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 165, 167, 171, 172, 175, 176, 177, 178, 180, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 209, 210, 213, 215, 216, 217, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225

Mulheres dependentes químicas 146, 148

Mulher-trabalho 35

## O

Organização feminina produtiva 150

Organização social 17, 40, 166, 207, 209

## P

Parceria 156, 158, 164, 195, 202, 205, 209, 211, 213, 216, 220, 223

Pescadoras artesanais 217, 219, 225

Políticas afirmativas 100, 101, 102, 104, 105, 106, 108

Práticas pedagógicas 146, 147, 148

Prematuridade 12, 14, 19

Protagonismo feminino 35, 62, 63

## R

Representação 47, 51, 54, 56, 89, 91, 92, 111, 116, 119, 122, 125, 167, 169, 198, 211, 212, 219, 220, 221, 225

Resistência 38, 89, 90, 94, 130, 139, 170, 179, 183, 187, 190, 192, 193, 195, 199, 200, 203, 207, 219, 223, 225

Roda capoeira 195, 200

## S

Sertão 136, 144, 217, 220, 221

Solidão 96, 124, 187, 190

## T

Tradição 89, 90, 124, 129, 134, 196, 197

Transexualidade 163, 164, 165, 168, 169, 172, 174

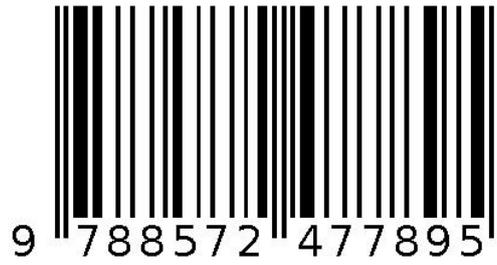
## V

Violência 4, 6, 11, 19, 20, 32, 43, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 94, 108, 141, 164, 170, 172, 187, 190, 191, 193, 200, 201, 204, 213, 225

Violência contra a mulher 47, 48, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 69, 76, 200

Volatilidade 124, 125, 126, 134

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-789-5



9 788572 477895